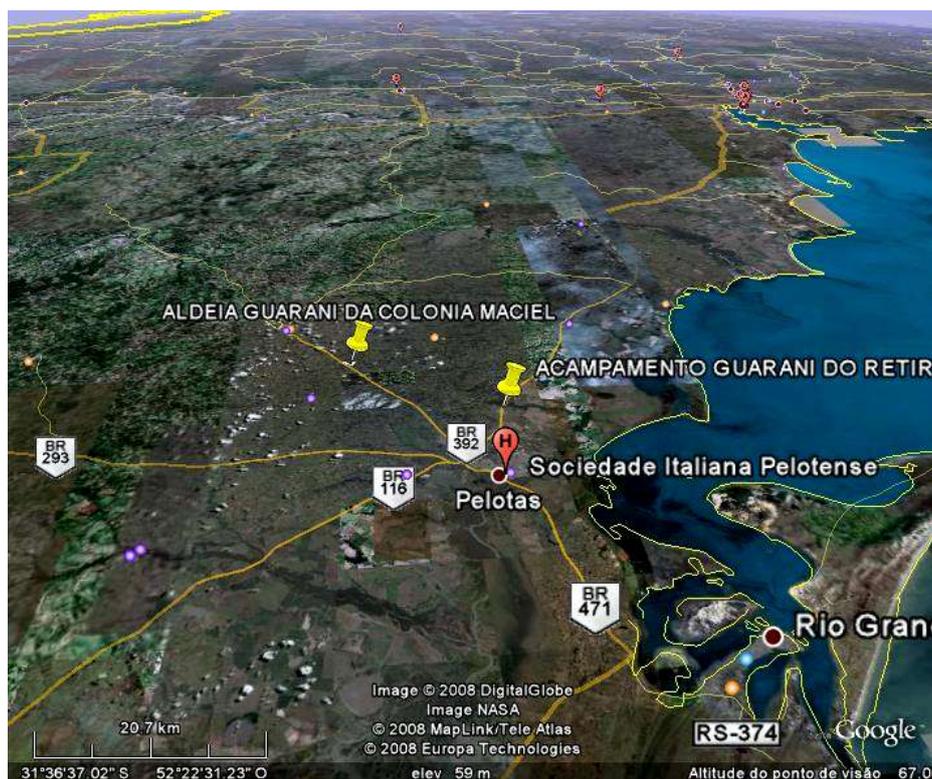


MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
Fundação Nacional do Índio – FUNAI
Administração Executiva Regional de Passo Fundo/RS
Posto Indígena Barra do Ouro

RELATÓRIO

Relatório sobre os indígenas Mbyá-Guarani do Acampamento do Retiro/BR 116 e sobre a Aldeia Guarani da Colônia Maciel, Pelotas-RS.

- 1) PRIMEIRA VISITA EM 06/09/2007.
- 2) SEGUNDA VISITA, 17/09/2007 A 21/09/2007.



Francisco Aureliano Dorneles Witt
Indigenista – FUNAI/RS

Osório/RS, 12 de maio de 2008.

1) PRIMEIRA VISITA EM 06/09/2007.

Em 06 de setembro de 2007, realizamos deslocamento a Pelotas/RS para realizar visita aos indígenas do Acampamento do Retiro, na BR 116, km 512, ao Conselho Tutelar e ao Ministério Público Federal.



Rodovia BR 116, KM 512,090 – Em frente ao Acampamento Guarani do Retiro – Pelotas/RS.

Na chegada à cidade realizamos visita ao Acampamento do Retiro, onde tratamos de vários assuntos, sobre como foi a vinda dos indígenas para aquele local, os motivos e intenções, os planos futuros do grupo, e demais assuntos da prática indigenista que busca vínculos e proximidade com os índios. Informações sobre outras aldeias, sobre parentes distantes e outros.



Naldo Gonçalves, Francisco Witt- Indigenista, e J. Campos, antropólogo, Acampamento do Retiro, BR 116, Pelotas/RS, setembro/2007.

Das informações obtidas podemos afirmar que os indígenas do Acampamento do Retiro são da etnia Mbyá-Guarani. Apesar de viverem eventualmente em meio urbano, pelos costumes totalmente distintos dos da sociedade envolvente, pelo pouco domínio do Português e o pleno domínio da língua indígena, podem ser considerados indígenas **não assimilados**, (trata-se de uma sociedade com vida comunitária diferenciada em relação à sociedade envolvente).

No trânsito migratório que lhes tem sido próprio, vieram (oito meses antes da data da nossa primeira visita já tinham vindo para o local, e nos aguardavam para entrar na “nova terra”), por último, do Acampamento do Irapuá, da BR 190, Km 299 – Caçapava do Sul/RS. Este acampamento existe desde 1981.

Liderados pelo indígena Lorenzo Benites, tinham a intenção de reocupar a antiga aldeia da Colônia Maciel, neste município de Pelotas. Permaneceriam no acampamento até terem oportunidade de mudarem-se para lá, e para isto solicitaram o apoio da FUNAI. Talvez mantivessem o acampamento com ocupação intermitente, como local de venda de artesanato e captação de doativos. Do acampamento fomos ao Conselho Tutelar.

No Conselho Tutelar realizou-se reunião com alguns dos conselheiros que vinham tratando do assunto. Inicialmente pedimos que falassem livremente sobre os indígenas, impressões e problemas. Notamos haver algum estranhamento em relação aos costumes e forma de vida dos Mbya locais, o que consideramos muito natural para quem tem os primeiros contatos com indígenas não integrados. Às vezes levam um susto, com os índios de pés

descalços, cozinhando no fogo de chão e tantos outros costumes diferentes, que na nossa sociedade são execrados ou atribuídos ao descaso do poder público.

Relatamos que lamentávamos pela FUNAI, com menos de 50 funcionários para todo o RS, e sem renovação do quadro a duas décadas, não poder ter um técnico exclusivo ao menos para a região. Salientamos que, por sermos o único órgão com dedicação exclusiva ao indigenismo, tínhamos certo conhecimento, às vezes nos permitindo, mesmo morando distante, chegar a conhecer todos os indígenas de uma área, aldeia ou acampamento, pelo nome. Neste caso, relatei que mesmo o indígena mais velho do grupo, o Sr. Naldo Gonçalves, eu o conheci ainda quando era criança, em um local muito distante de Pelotas.

Comentamos que chegamos a conhecer os pais dos índios mais velhos do acampamento e que estes viviam da mesma forma que hoje vivem seus filhos e netos. Que falam a mesma língua dos pais, o Guarani, sua culinária tem como base o fogo de chão e produzem vários pratos simples cozidos na cinza quente ou entre as brasas, bem como era antes. Quase não utilizam assentos altos, cadeiras, ficando longo tempo de cócoras ou em pé, ou sobre tapete cobertores, roupas ou tapete tradicional, de folhas de coqueiro, e isto nos parece que lhes é confortável. Usam assentos muito baixos e raras cadeiras modernas. As crianças frequentemente andam nuas, mesmo tendo roupas. Muitos andam descalços mesmo tendo calçados. Isto gera estranhamento, mas na verdade são costumes indígenas que tem passado de geração para geração.

Constroem habitações, seja de lona ou de fibras vegetais seguindo modelo arquitetônico, estrutural, de área e espacial próprios e que tem seguido sempre o mesmo estilo dos seus antepassados. Têm uma organização social identificada na literatura especializada embasada na “família extensa”, onde as irmãs, em regra, não se separam da mãe, formam uma aldeia, indo os homens buscarem casamentos em outros grupos. Estes grupos raramente ultrapassam 60 pessoas.

Estas, e tantas outras manifestações distintas da sociedade envolvente, não se constituem somente em um problema social ou de descaso, é, na verdade, uma manifestação cultural. É à força da cultura.

Ponderamos que, mesmo que se consiga uma bela área para os indígenas do Retiro, nesta nova área, sem os riscos da rodovia, provavelmente irão viver basicamente do mesmo jeito que viviam no acampamento. Falarão a mesma língua, praticarão a mesma culinária, manterão a mesma organização social. Se forem feitas casas o suficiente, talvez não façam casas ao seu estilo. Mas se as casas doadas pelo governo não permite a prática de seus costumes, como o fogo de chão, (casas assoalhadas, por exemplo, com piso inflamável), irão construir uma casa tradicional do lado e viver nela, reservando a habitação moderna para depósito. A princípio quase sempre é assim, mas depois, com os anos pode mudar.

A forma como vivem hoje os índios do Acampamento do Retiro, mantém quase tudo igual à forma como viviam os seus pais e avós. Tentei deixar claro que, no nosso entendimento, “o jeito que os índios vivem” por ser diferente do nosso, não é o problema maior, é uma questão cultural, complexa. Inclusive o acampamento visto por este ângulo, também não seria um problema, pois como povo migrante, não tem hoje outra forma de andar mais livremente e acampar gratuitamente que na via pública. Mesmo não sendo o melhor caminho, a partir do acampamento, pode-se chegar à criação de uma reserva.

Comentamos sobre mendicância e compartilhamos nossa preocupação com os aspectos negativos da prática e a dificuldade de evitá-la. Sugerimos que (como medida paliativa- até que se encontre uma solução melhor) sempre que possível, fosse levado alimentos e agasalhos aos indígenas, pois muito do fruto da mendicância serve para adquirir estes bens.

Buscamos levar, através da experiência da alteridade, alguns entendimentos bem como compartilhar preocupações, informações e tentativa de soluções para o problema. Estabelecemos conhecimento com alguns conselheiros com vista à proximidade e facilidade de contato diante de alguma necessidade ou em casos emergenciais. Esta foi a reunião no Conselho Tutelar de Pelotas em 06/09/2008.

Posteriormente fomos ao Ministério Público Federal, e lá fomos recebidos pelo Senhor Procurador da República, Dr. Max. Ali eu estava acompanhado do antropólogo do Ministério Público de Roraima, Sr. J. Campos, que se encontrava em férias no RS, da estudante de Sociologia Crina B. D. e do professor Dr. João Carlos Deschamp, ambos da UFPEL e interessados na questão indígena.

A reunião começou com esclarecimentos embasados nas informações, textos e opiniões da reunião anterior, no Conselho Tutelar, que já está relatada nos parágrafos anteriores, não havendo necessidade de comentar aqui, conversamos coisas semelhantes.

Comentamos com Dr. Max sobre a existência de uma aldeia antiga dos Mbyá-Guarani no Município de Pelotas, na localidade denominada Colônia Maciel. Relatamos que os Mbyá tem tido ocupação intermitente no local, entre outros motivos, por lá haver um antigo cemitério da tribo.

Relatamos que em 2003, um grupo de indígenas liderado pelo Sr. Lino Cáceres havia morado um breve período de tempo no local onde fora a antiga Aldeia da Colônia Maciel. Posteriormente, após sua saída, outro grupo proveniente de Barra do Ribeiro, liderado pelo Sr. Estevan Garai, reocupou o local, tendo ali residido por quatro meses e depois saído. Comentamos que entre 30 de outubro a 4 de novembro de 2006, estive na região conduzindo a Antropóloga da FUNAI de Brasília-DF, Dra. Blanca Rojas, tendo ido lhe demonstrar onde havia residido os Guarani na localidade do Taim, em Rio Grande-RS, bem como a localização de um antigo cemitério Mbyá no local.

Relatamos que durante retorno, estivemos visitando a Aldeia da Colônia Maciel. No local onde havia a última morada Mbyá, agora se encontrava uma plantação de pêssegos. Tivemos oportunidade de conversar com o plantador, que encontrando a área vaga, fez sua plantação sem encontrar resistência.

Foi comentado que se os Guarani não retornassem a ocupar a aldeia, a pressão dos vizinhos poderia devastar a área que ainda contava com mata nativa.

Após comentários de todos os presentes, encerramos a reunião tendo o Dr. Max se disposto a auxiliar no que estivesse ao alcance na busca de conseguirmos melhores condições para os indígenas. Eu e o Antropólogo J. Campos partimos em direção a Porto Alegre/RS, passando pelo Acampamento do Retiro para nos despedirmos dos indígenas.



Vista parcial do acampamento. Visita, prosa e chimarrão no pátio – Francisco Witt, indigenista - Naldo Oliveira e família. Foto, set/2007 (J. Campos).

2) SEGUNDA VISITA, 17/09/2007 A 21/09/2007.

Em 18 de setembro de 2007, dia do meu aniversário, retorno ao Acampamento do Retiro, acompanhado do indígena Sr, João Oliveira, que apanhei da Terra Indígena Pacheca, Camaquã/RS. Esta área dista aproximadamente 170 km do Retiro, é uma área que tem 1.752 hectares, já foi demarcada pela FUNAI, homologada a demarcação pelo Senhor Presidente da República.



Placa indicativa do Museu Etnológico da Colônia Maciel - Foto, nov. 2006.



Vista da área onde se encontra a Aldeia Guarani da Colônia Maciel. É a mata mais elevada ao centro da paisagem -Foto de set. 2006.

O Sr. João Oliveira havia morado na Colônia Maciel há mais de 20 anos antes. Conhecia bem a área, local da antiga aldeia, vertente de água, taquarais, locais de roças, assim como a região do entorno, onde havia trabalhado para os estabelecimentos rurais vizinhos no serviço de braçagem, agricultura e vinicultura.



Sr. João Oliveira, ao centro, trazendo taquaras para construção de casas na Aldeia Guarani da Colônia Maciel – Foto de set. 2007.

Pretendíamos acompanhar a mudança dos indígenas para a velha aldeia. Instalamos-nos eu e Sr. João, em uma das casinhas de lona que nos foi cedida ali no acampamento à margem da rodovia BR 116. Ali fiquei vivendo uns poucos dias como índio, entre índios, embora que deixando claro que sou indigenista apenas, mas também um velho conhecido. Podia observar bem às dificuldades dos índios, os costumes, a dieta básica local, assim como informar e ser informado de muitos fatos importantes para a continuidade do trabalho como indigenista da FUNAI.



***Indicação de Km mais próximo do acesso a para Colônia Maciel
O acesso fica no Km 104 - Foto de nov. 2006.***

O líder do grupo, Sr. Lorenço Benites, de início me apresentou um documento dizendo que havia recebido autorização do pedágio para acampar ali. Guardava este documento com muito cuidado. O papel estava impecável, branco e limpo. Lendo o documento, impresso em uma folha de ofício, expedido pela ECOSUL, assinado pelo Eng. Fernando Macluf, na verdade era uma solicitação de “interrupção de utilização indevida” da faixa de domínio, visto que, segundo consta no documento, ser o acampamento considerado irregular pela legislação vigente.



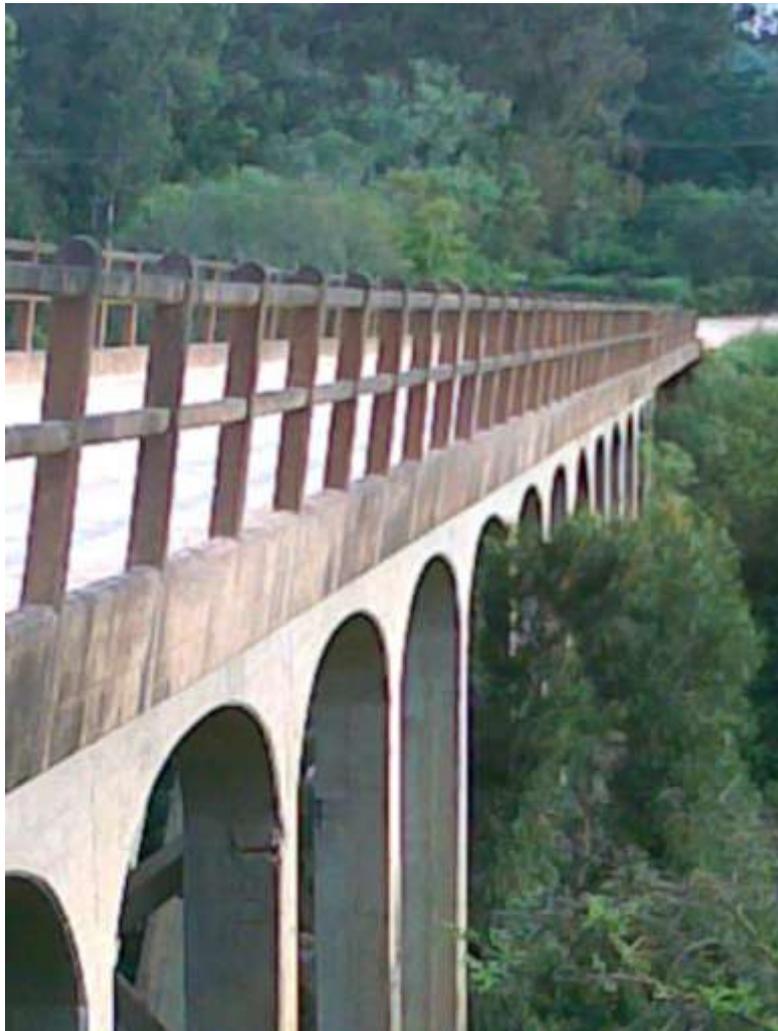
Lorenço Benites mostra o documento da ECOSUL que solicita a desocupação do Acampamento do Retiro. Ele pensava tratar-se de uma autorização para permanecer no local.

Sr. João Oliveira, ao lado, servindo chimarrão.

Detalhe da cozinha tradicional ameríndia, com o fogo de chão à esquerda. Foto de set. 2007.

Copiei o documento em foto digital e pedi que continuasse guardando bem a “autorização”. No meu entendimento não havia má fé por parte da empresa, mas uma preocupação real com os riscos de viver-se ali. Realmente ruído dos caminhões grandes, que ali passam com frequência devido ao Porto de Rio Grande, são assustadores, tremem a terra e dificultam o sono a noite.

Naqueles próximos dias, 19, 20 de setembro- feriado, “dia do gaúcho” – e 21 estivemos envolvidos em auxiliar o grupo a mudar-se para a antiga aldeia. Sr. João orientou o pessoal quanto aos locais para moradia, levou-os ao taquaral para tirarem taquaras para construção de casas. Incumbi-me do serviço de limpeza da vertente de água e de abrir covas para o Sr. João plantar milho de sementes indígenas entre os pés de pêssegos que havíamos notado em 2006, e que ainda estavam ali, só que maiores.



Ponte antiga de uma única via, sobre o Arroio Maciel, próximo a Aldeia Guarani da Colônia Maciel – Foto nov. 2006.



Detalhes da localização, do acesso e do entorno da aldeia.

O Acampamento do Retiro ficou desocupado. Retornamos a Osório/RS para continuidade do serviço do Posto Indígena Barra do Ouro, da Administração Regional de Passo Fundo- FUNAI/RS.

Francisco Aureliano Dorneles Witt
Chefe do Posto Indígena Barra do Ouro
PP 356/SH/FUNAI/2003